

A indiferença perante a crise de trabalho

A crise de trabalho subsiste e subsiste igualmente, a indiferença de todas as entidades que tinham o dever de promover medidas destinadas a resolvê-la ou a atenuá-la. Em Inglaterra, o Estado, reconhecendo que os desocupados eram vítimas, e vítimas sem defesa, numa crise para a qual não tinham nem directa, nem indirectamente contribuído e verificando que não podia resolvê-la numa semana para a outra, não recouso assumir um grande encargo: subsidiar os desempregados. Custou-lhe essa decisão milhões de libras que ele gastou, sem regatear, por reconhecer que constituía um crime sem nome condenar à fome criaturas cujos recursos dependiam exclusivamente do seu trabalho.

Semelhante medida se fôsse tomada, neste país, por qualquer governo, este seria logo, fatalissimamente alijado de bojevista pelos bandos dos rapinantes das «forças vivas»—dessas «forças vivas», que pela sua ilimitada ganancia e pela sua refinada incompetência, aliadas a um espírito de rotina que equivale ao estagnamento da actividade industrial e comercial, são as principais culpadas da crise latente, de norte a sul.

Em Inglaterra, a concessão dum subsídio aos desempregados partiu dum governo retintamente conservador, e nem um só dos grandes proprietários, dos grandes contribuintes do Estado, ousou chamar contra ele, nem tão pouco apelá-la de bojevismo.

Aqui, essa classificação seria inevitável. E isso aconteceria porque os industriais e os comerciantes entendem que isto de um operário ter direito a satisfazer as suas mais rudimentares necessidades vitais constitui um facto subversivo, um sintoma pernicioso de dissolução social!

Não estamos defendendo a resolução ou o atenuamento da crise de trabalho por meio da concessão dum subsídio aos desempregados. Nem defendendo, nem atacando, por entendermos que a solução seria: trabalho para todos.

Buscamos este exemplo apenas para demonstrar que, lá fora, se reconhece ao operário o direito a salvar a sua vida dum catástrofe que ele não provocou e de que foi o principal atingido e, portanto, a principal vítima.

Aqui, pensa-se duma maneira diametralmente oposta—e procede-se como se pensa.

O subsídio para o desempregado, chama-se indiferença. O subsídio é a sua própria fome, a qual atinge a sua família, incluindo nela, é claro, crianças de tenra idade e infelizes de idade avançada, invalidados para o trabalho.

Podem todos estoirar de fome, que ninguém se importa, ninguém se interessa, pela sua desdita.

Há, por esse país fora, dramas confrangedores; lres sem conto em que as lágrimas substituem o pão, lres onde não há sequer uma cama!

Pois que rebentem, como cães danados, os que passam fome; que morram velhos e crianças à mingua!

Há, porém, uma infâmia maior do que a indiferença com que se condenam dezenas de milhares de pessoas às mais crueis privações:—é a especulação política que já se procura fazer em nome dos sem trabalho.

Os jornais reaccionários vêm de há um tempo a esta parte, acentuando «a grande necessidade política» de acudir aos desempregados.

Não há, como se depreende, a menor scintilla de humanidade, mas sim o desejo de converter os sem trabalho em esteio das suas perversas combinações políticas.

Contra essa especulação protestamos indignadamente. Com a fome não se especula, nem se brinca. Os sem trabalho não querem favores, nem servir de trampolim aos trapaceiros dessa política mesquinha e reles que um deles designou pela expressão pitoresca: «embaralhar e dar cartas».

Querem que lhes reconheçam o seu direito à vida—e aí da sociedade que esquece que o instinto da conservação está acima de todas as instituições, de todas as leis e de todos os costumes!

A educação da juventude, através da imaginação dum panegirista da violência sistemática

A Situação, recordando a radiante mocidade daquele garboso alferes do tempo de Sidónio Pais que era monárquico para contradizer os republicanos e republicano para arrelhar os monárquicos, insiste em conciliar a sua orientação política com a publicação duns artigos de apologética, e não de mera exposição, do fascismo, assinados por um inteiramente desconhecido cav. Guido Pucci que tão depressa o escreve de Roma como os redige da lisboetíssima rua da Palma.

Temos propositadamente desviado os olhos desses artigos. Ontem, a nossa curiosidade foi mais forte de que a decisão tomada em não lermos o sr. Pucci—italiano mais da rua da Palma de que de Roma—porque o artigo anunciava este título tentador «O fascismo e a educação da juventude».

Decerto que não esperávamos que o fascismo tivesse inventado uma nova pedagogia, porque não achávamos nenhuma identificação entre uma doutrina política e a maneira de bem ensinar os meninos a ler e escrever e os adolescentes a fazerem uma preparação literária, técnica e científica. Esperávamos, contudo, que ele tivesse introduzido no ensino qualquer orientação, favorável ou desfavorável, à educação da juventude.

Afinal—tudo o que esperávamos só existiu no título do artigo e na imaginação incandescente do sr. Pucci. Os compêndios, as matrículas, as aulas, os estabelecimentos de ensino funcionam de igual modo: concluído-se daqui que o fascismo acêra da educação da juventude ainda não fez qualquer revolução semelhante à que introduziu na vida política e social italiana.

Tudo se resume em o sr. Pucci dizer que uma criança de 8 anos já se julga soldado da Pátria e que Mussolini fez, dentro das ciclopicas paredes do Coliseu, um discurso a milhares de petizes a quem disse esta frase que o articulista exalta até às nuvens, por ser além de mais lapidária, a mais filosófica:

«Sois a aurora da pátria; sois a esperança da pátria; sois, sobretudo, o exército de amanhã.»

Esta frase diz-nos pouquíssimo. Estamos vendo os garotos no Coliseu a ouvir chamarem-lhe aurora e esperança, símbolos para eles sem significação, e a meditarem na circunstância de serem amanhã o exército profeta que, apesar da sua tenra idade, os não deve admirar, visto que quando chegam à idade de ir às sortes ficam apurados, salvo se são coxos ou manetas ou possuem qualquer outro aleijão físico.

Isto dum petiz aos 8 anos se julgar soldado da Pátria não nos parece de grande vantagem. Porque actos revelará o miúdo essa convicção? Declarando guerra à cozinheira, brincando às guerras com os garotos da sua escola, com barretinas de papel na cabeça e espadas de pau amarradas, por um cordel, à cintura, e quebrando, com infantis duelos de pedra, alguns vidros na vizinhança? Na própria rua da Palma já vimos desses batalhões infantis, contra os quais, nas secções de reclamações dos jornais, se reclama a atenção da polícia e cujos actos cívicos são designados depreciativamente «por desaforos da garotada». Ora o sr. Pucci...

O sr. Pucci tem apenas um grande entusiasmo, o que o torna uma pessoa imprevisível para ovação aos vultos mais representativos do fascismo, mas essa excelente qualidade que lhe permite enrouquecer aos vivos a Mussolini não lhe dá o dom de se explicar satisfatoriamente nos seus artigos laudatórios.

Quere aquele panegirista do Fascio acentuar que se educa a juventude na preparação para grandes cometimentos guerreiros, exaltando-lhe a violência e o culto das guerras imperialistas. Essa educação pode dar uma guerra, mas oblitera, com a exacer-

Uma homenagem
Alexandre Vieira e seus camaradas de prisão, devido ao incidente na Biblioteca Pública, vão ter no domingo, 5 de Junho, uma homenagem sincera dos seus amigos e camaradas no almoço que nesse dia se realiza no restaurante Bacalhau, em Benfica.

A inscrição, que se encontra aberta na administração do nosso jornal e na Associação dos Compositores, rua das Flores, contém já alguns nomes muito conhecidos no movimento sindical.

Previnem-se todas as pessoas que queiram tomar parte nesta festa de confraternização de que a respectiva inscrição fecha impreterivelmente no dia 1 de Junho, pelas 23 horas, e de que o pagamento se efectua no momento de se inscreverem.

Jardins-Escolas João de Deus

O curso de explicações para ensinar pelo Método João de Deus abre amanhã, pelas 14 horas no Museu João de Deus, Avenida Pedro Álvares Cabral (à Estréla). Até essa data, continua aberta a matrícula.

bação da loucura das glórias guerreiras hoje impossíveis, as qualidades de humanidade, indispensáveis à formação do carácter dum povo que, como todos os povos, não nasceu para morrer nas medonhas hecatombes, que se fôsem contínuas.

Já há muito tinham feito arremessar os homens para a sua ancestralidade primitiva. Mesmo sob o chamado ponto de vista patriótico, perfeitamente oposto ao nosso internacionalismo, essa educação é falsa e precária nos seus resultados. Se esse articulista fizer o paralelo entre as antigas república de Atenas, a dos filósofos e dos artistas, e a de Sparta, a dos guerreiros, verificará que foi a primeira e não a segunda quem, por vezes, salvou a Grécia.

A educação feita sobre formulas vazias de ideias foi mortalmente ferida ao alvorecer do século XVIII. Voltaire e Rousseau, reclamando os direitos do espírito, encheram de luz o século XIX e abriram novos horizontes à vida. E foi tão irresistível esse impulso que o primeiro, regressando à influência ancestral ao tornar-se católico flagelou os seus novos correligionários de fé com esta inscrição numa igreja por ele fundada: «A Deus erege Voltaire». Era a última ironia dum espírito que, apesar de se ter deixado algarar aos erros que combatia, ainda se tornava o mesmo partidário da liberdade de crítica, recordando aos crentes em Deus que, tendo erguido Igrejas a todos os santos, nunca tinham elevado um templo ao maior de todos, aquele que consideravam o criador do mundo.

Edições de A SEMEADURA
Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas \$50
A peste religiosa..... \$50

Resultado: o operário desiste da inter-

ACIDENTES DE TRABALHO

As classes operárias desejam que seja dilatado o âmbito dos respectivos tribunais

As suas mais importantes reclamações

Novamente os tribunais de Acidentes de Trabalho. Para fazermos a apologia do seu valor jurídico? Isso não nos compete, como mais de uma vez o temos demonstrado.

Os tribunais de Acidentes de Trabalho interessam-nos pelo interesse que neles tem a classe operária. A função desses tribunais, mercê do acanhado âmbito que possuem e da falta de actualização da lei que os criou, tem de ser discutida.

Assim o entende a classe operária, por intermédio das suas associações de classe. Não pode conceber-se que os tribunais funcionem hoje como principiarum funcionando há treze anos, quando foram criados.

Nessa altura, o movimento industrial era outro. E os honorários dos que trabalham eram também outros. Logo, as suas vantagens têm de ser menores agora.

O que reclamam então as classes operárias? Uma grande modificação na lei, dilatando o âmbito dos tribunais referidos.

O decreto que cria os seis tribunais de acidentes a que já nos referimos, no entender dos organismos operários interessados no assunto deveria ser mais amplo: criar tribunais em todas as localidades onde eles fossem necessários.

O argumento de defesa desta ideia funda-se no facto de em algumas localidades industriais, como Barreiro, etc., não haver um tribunal para os casos ali ocorridos, o que determina a ida a Setúbal dos sinistrados.

Outro exemplo: de Pero Pinheiro ou de Montelavar, onde são frequentes os acidentes de trabalho, vêm os sinistrados para Lisboa quando os patrões se negarem a pagar-lhes o que marca a lei.

Resultado: o operário desiste da inter-

venção do tribunal porque ele lhe ficaria mais dispendiosa do que viria a receber.

Outras reclamações:

Actualização do salário de 700\$00 em 4.000\$00;

Elevação das idades dos menores: os rapazes para 16 anos; as raparigas para 18 anos;

Pensão vitalícia aos orfãos anormais, visto não poderem exercer qualquer profissão;

Nos acidentes que tenham mais de 60 dias de tratamento, o sinistrado ficará com o direito de escolher o médico que entender.

E só o que o operariado deseja ver atendido? Isso sim. Há outras reclamações e de maior importância.

Pela actual lei as juntas médicas, em casos de incapacidade parcial permanente, arbitram determinadas desvalorizações. Dois exemplos: na perda da mão direita, admitimos, essa junta arbitra a desvalorização de 50 por cento e na perda da mão esquerda a de 40 por cento.

Isto trocado em miúdos quer dizer: a desvalorização de 50 por cento corresponde ao estabelecimento de metade do seu salário. Mas como a lei não admite salários superiores a 700\$00 as companhias seguradoras, por sua vez, descem essa desvalorização até 25 por cento.

Resultado: o operário não recebe mais do que uma insignificância parecida com três escudos por dia, e isto na melhor das hipóteses.

Por isso os organismos operários reclamam contra a redução das companhias seguradoras, propondo que o parecer das juntas médicas seja respeitado, quer se refiram às desvalorizações parciais ou absolutas.

Sobre os pequenos acidentes há também um critério: as pensões inferiores a 20\$00 devem ser pagas por uma só vez, podendo estabelecer-se acordo entre as duas partes.

Depois temos ainda estouradas reclamações: Elevar as pensões às viúvas de 20 para 40 por cento e a todos os orfãos mais 5 por cento;

Nomeação dum médico permanente, afim de evitar os constantes adiamentos dos julgamentos, para cada tribunal, com o direito de fazer parte da pauta na falta do médico;

Nomeação dum advogado permanente para defesa dos sinistrados que não tenham advogado. Isto para evitar a demora do andamento dos processos;

Criação duma enfermaria, dentro de qualquer hospital, para a reeducação dos sinistrados.

E finalmente: Que a fiscalização do cumprimento da lei, a exemplo do que sucede com o horário de trabalho, possa ser exercida por representantes das classes operárias.

Os sindicatos interessados na existência do tribunal de Acidentes de Trabalho considerando também o facto das Câmaras Municipais não exigirem dos indivíduos que se entregam às construções de prédios uma garantia para o pagamento dos sinistrados de trabalho, entendem que a esses indivíduos lhes deve ser exigido o seguro dos operários ao seu serviço.

Elas as reclamações que os sindicatos operários desejam ver atendidas.

O DRAMA DE MASSACHUSETTS

Uma greve geral de uma hora

Buenos Aires, 10 de Maio—Nenhum recurso legal resta, agora, para salvar da horrível sentença os dois operários italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, vítimas de uma conjura policial. Apenas o governador de Massachusetts poderá revogar o veredicto do júri Thayer, que cederá a isso se o protesto do proletariado não atingir, desgraciadamente, aquela imponente culminância.

O operariado norte-americano nada tem feito para se associar ao protesto internacional que as organizações operárias da maior parte dos países tem afirmado.

Sómente, os operários italianos residentes em Nova York efectuaram um comício, fixando a realização de uma greve geral de uma hora, em todo o mundo, como protesto—nada mais insignificante. A moção aprovada neste comício diz assim:

«Resolve-se nesta assembleia de milhares de operários, reunida na Praça Maior, de Nova York, que todas as organizações operárias, sejam quais forem as suas tendências políticas, unam os seus esforços na libertação de Sacco e Vanzetti, cuja perseguição significa um ataque geral à liberdade de expressão tão indispensável aos trabalhadores; que nos mantenhamos solidamente unidos no movimento, a-fim-de-se efectuar uma conferência internacional em que o assunto seja discutido e que esta conferência se pronuncie abertamente favorável a uma declaração de greve geral local. Resolve, além disso, pedir ao governador de Massachusetts que intervenha para fazer justiça àqueles dois nossos camaradas perseguidos por dedicarem toda a sua vida à causa dos trabalhadores, dando-lhes liberdade inteira e incondicional».

Foram enviadas cópias desta moção ao governador Fuller, ao presidente da Federação Americana do Trabalho e aos diários de feição trabalhista.

A greve de uma hora, resolvida por várias organizações operárias de Nova York, não deve contar com o apoio da F. A. T., que a considera uma exigência excessiva. Mas uma hora de greve, contudo, não basta para salvar Sacco e Vanzetti.

A SANTÍSSIMA TRINDADE

Traliteiros, monárquicos e católicos rejubilam sorridentes e ameaçadores numa azáfama enternecedora...

A Serra do Pilar reaccionária rejubilou. Os raios ardorosos do Sol não incidiram faincantes sobre as suas ruas modernas, mas em compensação elas foram revestidas de verduras a volatilizarem perfumes estranhos.

Muitas janelas, principalmente aquelas que estavam enfrentadas com as suas congêneres cujos habitantes são conhecidos como limpos de teias de aranhas religiosas, apareceram precipitadamente engalanadas com setins e sedas das colgaduras, e com galhardetes do estilo daquelas flâmulas que flutuaram no topo dos mastros das nossas caravels descobridoras.

Esteve pomposa a festa da Serra. O clericalismo passeou, em atitude arrogante, pela extensa freguesia de Santa Marinha. Cantou, grossamente ruidoso, notas de latim provocador. Em seu gargantear fortíssimo, descobria-se desveladamente os uivos do triunfo.

Passaram à aragem do rio, a dois passos da cidade do Porto, o rebulhar espantoso do ouro clerical, o esplendor irónico do pálio ultramontano, o deslumbramento colorido das ricas franjas das sotanas ritualistas.

Ao luzimento dos varais, das lanternas, dos turbilhos incensores, das velas, opas e quejandas utensílios da farçada processional, dá-se o divertido nome do Senhor dos Entravados, do Sagrado Viático—vergonhosamente representativo de um Cristo que se revoltou contra a Opulência, a vaidade, a intrinseca humana... envolveradas na custódia sacramental...

Cada morteiro que estoirava no ar turbado, era um detonante pregão do avanço reaccionário, da vitória da intolerância. A despeito da Igreja estar separada do Estado, forçava-se toda a gente, católica ou não, a descobrir-se, senão erguiam-se no ar, à guisa de marmeleiros, os círios empunhados pelas mãos dos fanáticos e de muitos intrujões que, dizendo-se anticlericais, quasi furiosamente ateus, em situações políticas anteriores, agora colaboram com a Reacção... para fazerem a vontade às mulheres, que acham muito excelente lindos os seus filhos irem vestidos de anjinhos...

Uma prova da barbaria católica, tivemos-la por ocasião de um cortejo idêntico acolá na Aforada. Um militar, à passagem do tole clerical, cumprimentou a reacção com o polegar e o indicador da continência regimental. Mas como, porém, não bastasse aquele perfilamento agaluchado, sovaram-no, para que ele, para outra vez, não se esqueça de tirar também o bonet...

Enfim, o clericalismo exultou. E os seus apunhaquados, depois de recolhido o Carnaval religioso ao seu pagode paroquial, disseram muito francamente nos seus comentários fanático-monárquicos: «Não tarda muito que no Porto, em pleno centro da cidade, as procissões voltem a passear livremente. Havemos de voltar à mesma»...

A mesma, quer dizer: à monarquia. Está nisso imensamente esperanças. Tanto que os antigos traliteiros vão pululando, sorridentes e ameaçadores...

A padralhada está tão segura da sua impunidade, que até o párcos de São Félix da Marinha aproveitou os momentos da missa para incitar o povo à revolta contra a Câmara Municipal de Gaia, aproveitou as ocasiões do culto para fazer a sua propaganda política-reaccionária...

O capitão sr. António Maria, em desabafo, foi de opinião que se apontasse o rebelde rei. Augusto Ramos dos Santos ao delegado do Ministério Público, informando-o igualmente que, pela sua atitude hostilizante, desordeira, está incurso no artigo 48.º da Lei de Separação...

Pois sim! É que se importa com a Lei de Separação... Para ele, essa lei é que se separou há muito...

E observa-nos alguém, com visíveis sinais de intranquilidade:—«Esta atmosfera pesada que se respira, é eloquentemente denunciadora de que isto vai mal, muito mal»...

Apaziguámo-lo, dizendo que já o grande marquês de Pombal tinha por uso e costume pronunciar frase idêntica.

Quanto ao peso da atmosfera, deve ser premonição de próxima trovada, a qual, uma vez estalada, pode muito bem ser que limpe o ambiente e nos tragam um formoso ceu azulino e reverberante...

SAUDAÇÃO
Os corpos gerentes da Associação da Construção Civil e Artes Correlativas de Horta—Agôres, reunidos, resolveram saudar A Batalha.

Triste exemplo!

Setúbal, a cidade do Sado que cobriu de glória páginas indeleveis da história do movimento operário, está mergulhada numa situação de tristeza e de miséria moral. Parte da sua organização sindical vegeta miseravelmente. Dêse facto se aproveitaram alguns imbecis para se instalarem nos cargos de maior confiança do operariado.

E para quê? Para derivarem o movimento sindical para o pior dos abismos. Um exemplo: a associação marítima, que noutros tempos foi um exemplo de quanto pode o esforço operário em prol da instrução, está transformada numa escola preparatória para polícias. As outras associações não possuem estes cursos, mas deixaram de prestar à causa operária o seu concurso.

Setúbal é hoje a antítese do que foi, por razões que não cabem num simples eco. Quando é que os seus militantes farão da cidade do Sado a quella Barcelona doutros tempos?

EFEMERIDES

- 25 de Maio**
- 1872.— Sai no Porto o primeiro número de *O Operário*, semanário de crítica e combate.
- 1875.— É inaugurado em Ferrara (Itália), um monumento, erecto por subscrição pública, em honra de Jerónimo Savonarola, mártir do livre-pensamento.
- 1878.— Em Moscú é morto à paulhada o capitão de gendarmes, Keyking.
- 1882.— O conselho federal da república Suíça proíbe que, em Genebra, se represente a *Nadine*, da autoria da célebre escritora revolucionária e anarquista, Luísa Michel.
- 1904.— Descobrem-se uma conspiração no palácio do sultão da Turquia.
- 1909.— O editor Selden é condenado pelo tribunal de St. Petersburg a seis meses de prisão numa fortaleza, por ter editado vários livros de Tolstói.
- 1913.— Comícios em Lisboa e Almada para protestar contra o aumento da renda das casas.
- 1919.— Por causa do despedimento de operários que se tinham salientado, pela sua actividade, na organização operária declara-se em greve o pessoal da União Fabril, do Barreiro.

A polémica com os soviéticos

É revogado o acordo de comércio anglo-soviético

LONDRES, 24.—Tendo as buscas efectuadas na casa «Arcos» dado como consequência a apreensão de documentos pelos quais se prova a organização, em toda a Gran-Bretanha e nos domínios, de uma vasta propaganda soviética, o governo resolveu enviar a Moscú uma nota que conclui pela declaração de que fica sem efeito o tratado de comércio com a Rússia e rotas as relações diplomáticas. — (L.)

Chicherine em Paris

PARIS, 24.—Chegou ontem à noite a Paris, Chicherine, que vem conferenciar com o sr. Briand.

A imprensa diz que a vinda de Chicherine se relaciona com as negociações sobre as dívidas russas, trazendo os mais amplos poderes para um entendimento entre os dois países a tal respeito. — (L.)

Os Balcãs não querem relações com os soviéticos

PARIS, 24.—Segundo declaração do sr. Nijlinski, ministro dos negócios estrangeiros da Roménia, nenhum estado da «Petite Entente» pensa em reatar relações com os soviéticos. — (L.)

LONDRES, 24.—O relatório acerca das buscas efectuadas na casa «Arcos» e suas consequências será apresentado na sessão de hoje na Câmara dos Comuns pelo presidente do Conselho e não pelo ministro do Interior, como estava resolvido, por ter o gabinete considerado, em face da gravidade do caso, que era o seu chefe quem devia levar o assunto ao parlamento.

A atitude do governo para com a Rússia será discutida na Câmara na próxima quinta-feira.

Nos meios oficiais recorda-se a propósito do incidente, que o gabinete britânico enviou uma nota à Rússia, quando da assinatura do acordo comercial entre os dois países, na qual lhe fazia notar que o acordo seria imediatamente anulado desde que os soviéticos exercessem qualquer espécie de propaganda anti-britânica e que o mesmo poderia suceder com as relações diplomáticas.

Na sessão de hoje da Câmara dos Comuns, o chefe do governo leu o relatório do ministro do Interior sobre o assalto e busca efectuados na casa «Arcos».

Pela leitura daquele documento e das pegadas do processo a ele apenas prova-se que o gerente da «Arcos» estava em activa correspondência com Filinsky, um dos chefes da propaganda soviética, e que aquela casa era o fulcro das manobras comunistas em toda a Europa.

Numa das cartas apreendidas, Filinsky recomenda especialmente a campanha entre as classes marinhas, os índios e os negros.

Refere também o relatório ter sido apreendido grande número de impressos para uma subscrição a favor dum movimento bolchevista na Europa. — (L.)

HORÁRIO DE TRABALHO

A comissão administrativa da Secção Profissional de Carpinheiros, ao ter conhecimento de que um indivíduo desta classe, de nome Luis da Silva, mais conhecido pelo «Pardal», tem traído o horário de trabalho nas obras do novo mercado do Alto do Pina, constatou que o mesmo não é associado, pois se o fosse seria expulso do seu seio, resolvendo, no entanto, levar este facto ao conhecimento de todos os camaradas, para ficar conhecido mais este traidor do horário de trabalho.

OS QUE MORRÊM

Francisco Gonçalves Quairoz

Faleceu ontem no hospital da Marinha, o capitão-tenente sr. Francisco Gonçalves Quairoz, com 49 anos de idade, tendo comandado até há pouco o cruzador «Vasco da Gama». O seu funeral realiza-se hoje para a estação do Rossio, indo em câmara ardente no cemitério da noite para o Porto.

TIVOLI

A Versão Cinematográfica de um romance célebre

A Castela do Libano

de PIERRE BEN LIT

Super-film em 2 jornadas (com 4 e 5 e 35 minutos, apresentando todos os programas) — Orquestra sob a direcção do Maestro NICOLINO MILANO.

Amor — Matinée às 15 horas

Lisboa trágica

Desastre numa pedreira

Pelas 11 horas de ontem, num logradouro denominado Livramento, próximo de Torres Vedras, onde existe uma pedreira pertencente a um indivíduo chamado Silva, andavam uns trabalhadores, fazendo rebentar, a dinamite, a pedra. Quando Domingos Cipriano Sobrinho, 26 anos, residente em Colôria, e um outro chamado Augusto, 40 anos, residente na mesma localidade, colocavam um cartucho, este, inesperadamente, rebentou, resultando ser o Augusto atingido a uma altura de 4 metros, e o Domingos ter caído, a igual altura. Socorridos pelos companheiros verificou-se que estavam em mísero estado, sendo ministrados os primeiros socorros ao D. Domingos, e conduzido ao Hospital de S. José, dando ingresso na Sala de Observações, visto achar-se muito ferido pelo tórax e face. Quanto ao seu companheiro, parece ter falecido pouco depois, segundo declararam os companheiros do Domingos, que o conduziram a Lisboa.

Curativos no Banco

No Banco do Hospital de S. José receberam curativo, não ficando hospitalizados: João Santos Simões Lima, 17 anos, electricista, residente no Largo do Conde Barão, 93, 4.º, que na Companhia «Providência» foi colhido pelo veio dum máquina, ficando ferido na perna esquerda; Suzete da Conceição, 18 anos, residente na Rua Luís Monteiro, n.º 11, que foi agredida com uma faca na face esquerda, dada pelo amante, na Rua do Bemfomeiro; Gertrudes do Carmo, 32 anos, residente na Rua Heliodoro Salgado, n.º 33, cave, que depois de comer sardinhas, sentiu-se indisposta, sendo-lhe feita lavagem de estômago; António Duarte, 25 anos, carpinteiro, residente na Rua da Beneficência, n.º 219, ric, que no dia 22 foi atropelado por um automóvel na Avenida António Augusto de Aguiar. Só ontem procurou o hospital, onde se verificou que tinha fratura da clavícula direita.

Sem identificação

Continua sem identificação, na casa mortuária do Hospital de S. José, o cadáver dum indivíduo, falecido na enfermaria de São Sebastião, que foi encontrado caído por doença, na travessa das Amoreiras. Aparenta ter 50 anos, ser trabalhador, asiático mediano, magro, cabelo e barba mal cuidados, já grisalho e vestindo muito pobremente. Se não for reconhecido será lançado à vala comum, no cemitério.

Nem mesmo em casa

Na Sala de Observações do Hospital de S. José, faleceu Sabino Fernandes, Felix, carceiro, residente na Travessa de André Valente, n.º 7, e que ontem às primeiras horas, sentindo uma dor no peito, não tendo mais forças para se levantar, morreu em casa, deixando um filho de 12 anos, que se tratava, foi atingido por um tiro no peito. O cadáver recolheu à casa mortuária do Hospital de S. José.

O caso da Praça dos Restauradores

Na Morgue deu entrada, saindo da casa mortuária do Hospital de S. José, o cadáver de Augusto Dias Ribeiro, o «Augusto da Mariana», aquele indivíduo, que faleceu na Sala de Observações do Hospital de S. José, por ter sido agredido a tiro na Praça dos Restauradores.

Queda desastrosa

Na Sala de Observações do Hospital de S. José, deu entrada Ilda Rodrigues, 38 anos, residente na rua da Ponte Nova, 7, loja, que deu uma queda numa ponte existente na Senhora de Santana, a Campolide, ficando muito ferida pelo corpo.

Farto de viver

Na enfermaria de Santa Joana do Hospital de S. José, faleceu Rosa Martins Catarina, residente em São Braz de Alportel, que, como noticiamos, na sua residência, em 11 deste mês, tentou pôr termo à existência. O cadáver recolheu à casa mortuária do Hospital de S. José.

ESQUADRA ALEMA NO TEJO

Passa no dia 2 de Junho no Tejo, demonstrando-se entre nós alguns, uma esquadra alemã que depois da guerra pela primeira vez nos visita.

Por ocasião da estada no Tejo da referida esquadra realizar-se-ão vários festejos em sua homenagem.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa Operária de Palma de Cima — Reúne hoje a assembleia geral, às 21 horas.

Teatro do Ginásio

Telefone T. 914

Direcção de GIL FERREIRA

HOJE a engraçada farsa

O PERIGO AMARELO

que prossegue na sua brilhantíssima carreira — A mais jocosa de todas as peças — Encenação de Gil Ferreira

A Castela do Libano

O capitão Domercq, condescente em Houthout, está para casar com Michelle Henquin, a filha de um companheiro de armas, quando é apresentado à Condessa Croft, a Castela do Libano, de fascinante beleza.

«A Castela do Libano», que se encontra em 2 jornadas (com 4 e 5 e 35 minutos, apresentando todos os programas) — Orquestra sob a direcção do Maestro NICOLINO MILANO.

Amor — Matinée às 15 horas

OS DOGMAS DA IGREJA

Cristianismo e Catolicismo

O grande poder dos milagres ante a inutilidade da Ciência...

Expostas as formas como se criaram os dois partidos que à igreja tanto proveito e rendimento têm dado, e à liberdade tanto mártir têm custado, e agora que os meus escritos parecem serem menos lidos iremos continuando, até conseguirmos fazer desaparecer do orbe terráqueo como muito bem dizia a «Ideia», — mas que «Ideia» — a célebre religião, ou então que se faça a restauração monárquica; mas aquela restauração preconizada pelo chefe da «Ideia», pois que, logo que ela por aí surja, e segundo se disse no célebre banquete do Porto, ela não tardará por aí, a menos que me poderá suceder, é aplicação da caridade cristã, daquela caridade, que vitimou o grande Galileu, o pobre Gomes Freire e sacrificou o valoroso reformador Marquês de Pombal, mas até lá...

Ainda existem discípulos de anteriores escolas filosóficas que por toda a parte apregoavam que só a observação e a razão podiam conduzir ao saber; e como o clero, não estava disposto a suportar competências, e por seu lado assegurava que todos os conhecimentos que à humanidade é dado ter se continham nas escrituras, surgiu o conflito entre os dois partidos: um defendendo a razão, outro impondo a revelação escrita.

E foi também nesta altura que começou o combate da igreja com o poder. Constantino, faz reunir o concílio de Niceia onde se tomam resoluções que são para aquela época as irmãs gêmeas das resoluções do concílio de 1870 e apoia-as e impõe-as com todo o seu poder, com toda a sua autoridade, com toda a sua força. Teodósio, que se lhe seguiu no trono, vai já longe: institui os inquisidores da fé e condena ao desterro e à morte os que não são filhos dilectos da igreja, tal e qual hoje se faz com a milagrosa água de Fátima, que só cura e salva, aqueles que antecipadamente lhes prometem alguma coisa, ou se rojam humilde e vergonhosamente aos seus pés, ou aos pés dos seus vigários — os padres.

Começava a série imensa de crimes nefandos que constituem, fora os três primeiros séculos, toda a história da igreja cristã.

A ciência, a filosofia, as artes, tinham na antiguidade, atingido um desenvolvimento considerável.

Ptolomeu Sotero, sobrinho e sucessor de Alexandre Magno, e seu filho Ptolomeu Filadelfo, tinha feito de Alexandria uma cidade maravilhosa em que a arte se mostrava pujante em todas as suas manifestações. Fundaram um edifício magnífico, o Museu, contendo uma biblioteca de 700.000 volumes que versavam todos os conhecimentos humanos. Neste estabelecimento com o fim de perpetuar, aumentar e difundir esses conhecimentos, ensinava-se literatura, matemática, astronomia e medicina.

— mas, para que diabo seria a medicina, se ao seu alcance estavam os milagres, — e lá anexa um jardim botânico, um jardim zoológico, um observatório astronómico, uma sala de disseções para estudos no cadáver. Além dos cursos que atraíam milhares de intelectuais, realizavam conferências, sendo o método geral de ensino adoptado o da indução isto é, um método de razão e observação, de trabalho. E um verdadeiro encanto as descobertas realizadas naquele Museu.

Parte da biblioteca, uns 300.000 volumes, tinham sido destruídos por um incêndio quando a Alexandria foi sitiada por Júlio César. Que como hoje a acção dos chefes muito se fez sentir nas casas de educação. Acção nefasta e maldita dos senhores contra a pobre humanidade.

O referido Teodósio e mais uma vez se comprova que a religião esteve e estará sempre em guerra aberta com a ciência, de acordo com os padres, mandou destruir o resto da biblioteca, aliás já nesta altura aumentada com muitos volumes, perseguir e matar os que ainda se entregavam a ensinar algumas das ciências professadas no antigo Museu. Sempre muito beneméritos estes nossos católicos; e a seguir, Justiniano proíbe o ensino de filosofia em Atenas e mandava fechar todas as escolas da cidade.

Era o reinado das trevas que se iniciava e que ia continuar pelos tempos fora. Daí em diante, padres e senhores esforçaram-se em seguir e em exceder até, o caminho traçado, o processo indicado. A barreira levantada ao desenvolvimento intelectual foi crescendo amassada com sangue e lágrimas que ainda hoje, se bem que sejam decorridos tantos séculos, se tem vertido e continuam a verter. A liberdade de pensar extinguiu-se, e quem se atrevesse a sair dos limites que o clero marcava ao pensamento humano, expiava com os maiores sofrimentos e com a morte o seu nefando crime.

Ao mesmo tempo que os padres aborrevam os povos de credências, de superstições, de mentiras, de incoerências, de pavores, sempre tendenciosamente para que daí lhes viesse proveito e força em haverem e em poderes, aconselhavam-no à sujeição mais completa para com os senhores, para com os chefes do poder civil, pregando-lhes que a rebelião embora causada pelas exações mais infames, pelas extorções mais iníquas, pelas atrocidades mais ignóbeis, era aos olhos de Deus um crime merecedor de fogueira eterna. E' claro que os senhores, fortes já do seu poder, e escorados ainda pela influência verdadeiramente tirânica que o clero exercia sobre o povo, influenciavam que era toda a sua favor, usavam e abusavam desse poder. E assim séculos e séculos os povos se rojaram aos pés dos senhores numa submissão vergonhosa que tinha como paga tudo que de mais infame e de mau se podia fazer.

Não procedia, porém, assim o clero desinteressadamente. Por um lado alcançava o apoio dos senhores isto é, da força; por outro lado aumentava — e isso era o principal motivo — os seus haveres. Porque a ignorância dos nobres era igual, senão mais precária do que a dos plebeus, e os padres aproveitavam-se dos crimes por eles cometidos para lhes extorquir, a título de os absolver, quantias, donativos, concessões, etc.

Assim e por meio destes embustes e embusões dos milagres a igreja foi a senhora única e absoluta da Europa, os povos eram seus escravos, e os reis e os nobres seus joguinhos, pois que isto de religião e sobretudo de milagres, foi sempre em todos os tempos muito lucrativo e rendoso. E não se julgue que apenas nos tempos idos em que as ideias de liberdade e emancipação humana mal desbrochavam no cérebro dum ou outro, tal facto se dava, porque actualmente outro tanto sucede. Os milagres hoje mais do que nunca se estão operando, e se alguém duvida, e supõe que em me refiro ao aparecimento dum enorme Cruz, nas ruas públicas de Lisboa, com a complacência da autoridade durante a chamada semana santa — Cruz que era a suprema vergonha dum terra civilizada — que percorra as páginas da *Voz da Fátima*, jornal que sob a direcção dum padre, si se publica.

TEATROS

MUSICA

CINEMAS

COLISEU

Arte popular

Muita gente julga que só nas grandes cidades se produzem manifestações artísticas de relevo, levando-se o convencimento ao ponto de se imaginar que fora de Lisboa, na provincia, não existe o interesse por coisas de arte. É um erro tal conjectura. Em matéria de música e de arte dramática as terras da provincia, se não são tão férteis, ocupam, no entanto, um lugar bem destacante. E essas manifestações artísticas encontram uma especial devoção nas camadas populares. Enquanto as pessoas de categoria social, mais desajustadas se entregam ao ócio, ou se dedicam a distrações de somenos importância, quando não de provada inutilidade, o operário do campo ou da oficina, o burocrata da última escola hierárquica, organizam grupos dramáticos constituem sociedades filarmónicas, e dentro desta utilíssima orientação apontam-se desde a vila mais florescente à aldeia menos povoada, apreciáveis agrupamentos artísticos, a quem falta unicamente o contacto e conhecimento com a última palavra das produções de arte, também, geralmente, desconhecidas nos meios citadinos!

Almada, terra genuinamente popular que formigava no alto aprumado que domina o Tejo, onde já se fez uma revolução com a guitarra de grosso calibre, Almada com o seu castelo, com as suas locandas, com as suas hortas, também sente a arte, e para prová-lo a Academia Instrução veio ao Coliseu executar um repertório perante o qual tremariam muitas bandas regimentais, unicamente compostas por profissionais. Banda numerosa, com elementos de valor, sob a firme e entusiástica regência de Leonel Ferreira, fez-se ouvir em números de responsabilidade como o *Carnaval de Veneza*, de Schumann, *O Profeta*, de Meyerbe e a abertura do *Rienzi*, de Wagner, não deixando de lado os números populares que, como a suite de Ruy Coelho, tanto agrado causam sempre. Um orfeão misto, uma pequena orquestra de saxofones e uma guitarra, completaram esse conjunto agradávelíssimo que deixou na assistência uma funda impressão de agrado. A jovem guitarra, cujo nome não nos ocorre neste momento, tocou com execução, sentimento e enorme agilidade. A interpretação da marcha da *Aida*, pela orquestra e pelo orfeão atingiu grande brilho e bem podem muitos orfeões de nome ir à Almada aprender, que mal não andarão...

O Coliseu dos Recreios, dando guarida aos almadenses musicais, deu ensejo a que o público de Lisboa ficasse sabendo como fora do futebol o povo pode bem marcar o seu lugar, sem arruinar a saúde e sem falar calão!

Nogueira de BRITO

EDEN-TEATRO

A nova revista

Para inauguração da época de verão, prosseguem no Eden, pela Companhia Almeida Cruz, os ensaios da nova revista intitulada «Cozido à portuguesa», que terá música original e coordenada, dos mestros Filipe Duarte, Raúl Ferrão e Angel Gomez.

GINNASIO

«O Padre António»

Entrou em ensaios, no teatro do Ginásio, a comédia burlesca «O Padre António» original de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques.

COLISEU

A'manhã, estreia da companhia de revistas com o «Foot-Ball»

E' de facto amanhã, como se tem anunciado, que se realiza, no Coliseu dos Recreios, a estreia da grande companhia de revistas que tem no seu elenco os distintos e apreciabilíssimos artistas Julieta Soares, Zulmira Miranda, Ema de Oliveira, Elisa Correia, Elisa Guisete, Rosalina Sial, Maria Brazão, Arminda Martins, Carlos Leal, Alberto Ghira, Alvaro Pereira, Holbeche Bastos, José Silva, Casimiro Rodrigues, Miguel Orrico, 40 coristas e 12 bailarinas.

A revista de estreia é o «Foot-Ball» cujo sucesso há muito está firmado e que com os seus novos e interessantes números vai marcar, certamente, uma nova época de triunfos.

Zulmira Miranda, a apreciada cantadeira de fados, deliciará o público com a «Canção de Portugal», «Mulher do Douro» e o «Fado da Madrugada» que a notável artista canta deliciosamente com a sua bem timbrada voz.

O bailarino Francis dançará o verdadeiro «Charleston» e «Blak-Botton».

O espectáculo, que é por sessões, começa às 22,45.

Espectáculos de hoje

TEATROS

Ginásio — A's 21,30 — «O perigo Amarelo».

São Luís — A's 21,30 — «Bairro Alto».

Trindade — A's 21,15 — «Os dois maridos da senhora».

Variedades — A's 20,30 e 22,30 — «A Sagrada Família».

Avenida — A's 21,30 — «O bom ladrão».

Salão Foz — A's 15 e 21 — «Secretário dos amantes».

Joaquim de Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Chiado Terrace. — Todas as noites animatográfico.

Tivoli. — Todas as noites animatográfico.

Salão Olimpia. — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatográfico e concerto musical. — Rua dos Contos.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

No entanto, enquanto uma ou outra coisa se faz, não nos poderia o senhor inspector dizer: a quem fez a Senhora da Fátima entrega dos seus 3000\$, visto que a carta de determinação que são para N. S. e ela, ao que eu saiba, não tem mãos que se mexam, pês que andem ou cabeça que se movam? Sim, ao menos o senhor inspector que certamente na sua escola deve ter infelizes a quem pela sua extrema miséria falta o pão no lar e se apresentem descalços ao pé dos seus colegas e que deles se não lemoram, que nos diga que deve a senhora fazar, não se de o caso de algum lhos ir gastar, o que seria, além duma hreia, quasi um sacrilégio, ou melhor, um furto!

Paulo EMILIO

A Conferência Internacional do Trabalho

Um protesto da Federação dos Operários da Indústria Têxtil

Como que a afirmar a repulsa do operário pela nomeação dum pseudo delegado operário à Conferência Internacional do Trabalho, continuamos recebendo dos organizações sindicais novos protestos. Da Federação dos Operários da Indústria Têxtil recebemos ontem a seguinte nota oficiosa:

«Em reunião do Conselho Federal desta Federação foi tomado conhecimento pela imprensa burguesa da nomeação dum indivíduo de nome José de Almeida, como delegado-representante do operariado português à 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, convocada pelo Bureau da Sociedade das Nações. Ora como esta Federação não foi consultada sobre essa nomeação, mesmo que o fosse não lhe daria resposta, pelos seus princípios anti-colaboracionistas e anti-político-capitalistas, não podia deixar de tornar publico a sua veemente repulsa contra o abuso cometido contra o operariado que representa. Aproveitando o ensejo, declara não reconhecer em José de Almeida idoneidade moral em virtude das declarações vindas a público que o põem em pouca recomendação. Afirma o Conselho Federal da Federação dos Operários da Indústria Têxtil, o valor nulo que representa para o operariado organizado internacionalmente, dentro dos princípios do sindicalismo revolucionário libertário, as conferências de tal natureza. Solidariza-se com a nota oficiosa publicada pelo Comité Confederal em *A Batalha* de 19 do corrente, ao mesmo tempo que aconselha o operariado da indústria têxtil de Portugal a precaver-se contra os falsos messias de última fornada.»

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou-nos também sobre o assunto um comunicado em que afirma que, podendo depreender-se da discussão que presentemente agita o movimento operário, a propósito da ida dum pretenso delegado seu à Conferência Internacional do Trabalho, que aquele organismo político estaria de acordo com uma tal representação, na devida oportunidade, deu aos seus filiados as instruções necessárias para organizarem uma oposição sistemática à participação dos trabalhadores de Portugal na Conferência de Genebra.

Afirma ainda que a criatura nomeada pelo governo e que se intitula representante da classe operária, não é filiada no P. C. P., e se o fosse, pelo simples facto de ter aceitado tal infeliz incumbência, seria imediatamente excluída do mesmo.

CONFERÊNCIAS

«A Instrução Popular»

A conferência que, sob o tema «A Instrução Popular», ainda em comemoração da «Semana da Criança», o sr. Manuel da Silva devia realizar no sábado último ficou transferida para amanhã, às 21 horas, na sede da Sociedade A Voz do Operário.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO E TERRAS DE FOGO

Teatro Maria Vitória

Parceria Teatral Limitada — Telefone H. 3544

Quinta-feira, 25 de Maio

Primeira representação da opereta original de Mário Monteiro

musicada pelo maestro Francisco Gonzaga

ESTRELA D'ALVA

Nos principais papeis os artistas

Justina de Magalhães

e Alves da Silva

Coliseu dos Recreios

Amanhã, quinta-feira, amanhã

ESTREIA

da Grande Companhia de Revistas

2 SESSÕES 2

.. A revista de extraordinário sucesso ..

FOOT-BALL

Novos, interessantes e engraçados números

As Rosas — A eterna canção — Os cavalos

músicas — Os falsos espanhóis — Flor do luxo — Flor da lama

Um boi em scena

A grandiosa marcha dos «teams» de foot-ball em que tomam parte todos os clubes da Divisão de Honra

40 CORISTAS 40 12 BAILARINAS 12

Admirável desempenho de Julieta Soares, Zulmira Miranda, Ema de Oliveira, Elisa Correia, Carlos Leal, Alberto Ghira e Alvaro Pereira

Verdadeiro Charleston e Blak-Botton pelo exímio bailarino

FRANSIS

Lindos e interessantes fados

pela distinta e apreciada cantadeira

ZULMIRA MIRANDA

2 surpreendentes apoteoses 2

PREÇOS POPULARES

DAIVA PEDAI

CAIXA GERAL = DE = DEPOSITOS

Depósito: «Livraria Renascença»,
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.



ECOS DUMA GREVE

Todos os ferroviários de Lourenço Marques devem ser admitidos segundo um acordão do Conselho Superior das Colónias

Os jornais de Lourenço Marques continuam a ocupar-se da situação dos ferroviários demitidos por virtude da greve grandiosa que eclodiu naquela rede em 11 de Novembro de 1925. Ultimamente, devido ao recurso interposto pelos ferroviários António Maria Pacheco e Luís Zefirino a que o Conselho Superior das Colónias deu provimento, anulando a sua demissão, o assunto voltou a agitar-se.

O jornal *O Direito*, especialmente, tem tomado uma atitude desassombrada. Ainda no número de 19 de Abril publicava um longo artigo, do qual extraímos os seguintes períodos:

«O Conselho Superior das Colónias acaba de, por meio do seu acordão n.º 55, de 17 de Fevereiro do ano corrente, condenar todos aqueles que, cegos pelo ódio aos ferroviários, os perseguiram e demitiram dos seus lugares, depois de exercerem as maiores violências, das consequências das quais alguns já desapareceram do número dos vivos.

Ódio cego, que não reconhecia a justiça, que arrebatava direitos, que roubava regalias, algumas das quais conquistadas com perdas de vidas também, lançou a população da cidade num turbilhão de ódios e de paixões e deu lugar a se terem enchido as cadeias de desgraçados que têm sofrido tremendo martírio moral, não só pela perda da sua liberdade, mas ainda pela miséria em que têm visto os entes que lhes são caros.

Compreendemos a violência que a salvação dessa troupe exigia, mas não compreendemos a teimosia que existe em não se fazer inteira e completa justiça, passando já dezoito meses sobre a declaração da greve, que o Conselho das Colónias considera legal. Isso é que não compreendemos, muito especialmente quando está a sociedade toda provada a orgia da situação passada.

Para o Conselho Superior das Colónias apelaram dois ferroviários, deportados para Lisboa, António Maria Pacheco e Luís Zefirino, justificando o seu recurso com a prova de que, tendo sido presos e conservados incommunicáveis, não poderiam, mesmo que quisessem, apresentar-se às autoridades militares, em virtude da ordem de mobilização.

Não podemos transcrever na íntegra o acordão; mas vamos fazê-lo na parte que se refere aos considerandos do referido tribunal, e por ela verão os nossos leitores em que situação ficam colocados os homens que tão longe levaram a perseguição aos grevistas.

Eis-la:

Tudo visto e ouvido o Ministério Público:

Considerando que o facto de os recorrentes irem para a greve não significa intenção de abandonarem os seus lugares, e bem ao contrário a de os conservarem e manterem com todos os seus direitos e regalias anteriores à portaria n.º 208, origem da mesma greve;

Considerando que os autos de abandono dos lugares só podiam ser levantados nos precisos termos do artigo 25.º do regulamento disciplinar de 18 de Janeiro de 1919, citado, quando a «autoridade se convenesse» de que os funcionários «queriam» abandonar os seus cargos, ou quando se completasse trinta dias de não comparecimento sem «justificação» ou «explicação»; mas

Considerando que a «autoridade não po-

Sobre organização

IV O Sindicalismo

Nesta evolução, nesta marcha da humanidade, não se trata do que imprópriamente os políticos chamam a «democratização» porque esta palavra envolve a ideia duma soberania, da soberania do maior número; mas, sim, da socialização intensiva dos povos que não implica semelhante ideia e, antes, pelo contrário, nos dá a entender que a tendência das sociedades é para uma organização das actividades individuais sob um regime social de funções e não para uma organização concentrada e hierarquizada de poderes. As sociedades progredem, desenvolvem-se e aperfeiçoam-se pela eliminação sucessiva do princípio da autoridade e não pela sua absorção.

A função política tende, pois, a socializar-se intensivamente, isto é, a transformar-se de empiria em científica, passando dos profissionais políticos ao governo seu e dos outros, para a grande massa anónima, que, consciente da solidariedade social, cõscia dos altos interesses da colectividade, entra a exercê-la directamente, sem sofismas de votos, de eleições, de parlamentos ou de quaisquer entidades ornamentais ou fictícias.

Daqui a consequência lógica, natural, do anti-parlamentarismo, e consequentemente a supressão, por inútil, e tantíssimas vezes prejudicial, do verme político e das correlativas coteries em que esses vermes se agrupam para, sem excepção, explorarem e viverem à custa daqueles que suportam o seu parasitismo.

A política deixará, então, de estar monopolizada em poderes e passará, dinamizada e intensificada a ser exercida directamente por todos os indivíduos agrupados por especialidades idênticas, como uma das suas funções sociais. Deixará de ser poder; tornar-se-á função. E assim as atribuições dos parasitas autoritários, económicos, administrativos, judiciários, religiosos e políticos irão desaparecendo à medida que as unidades do corpo social adquirirem a posse de si mesmas com pleno conhecimento do que são e para onde vão.

Nestes termos, a evolução política segue o seu caminho: o Estado apaga-se, elimina-se; o princípio de autoridade perde o seu prestígio; é destronado e o próprio trono é destruído; e aparece-nos uma nova agregação, uma nova síntese das energias sociais, a da associação livre das aptidões profissionais, a dos sindicatos profissionais, composta de indivíduos já possuidores duma consciência social e que a existência de energias colectivas ainda agora antagonicas faz parecer que se agrupam unicamente com o fim de se defenderem.

Assim, não vemos constituir-se e desenvolver-se cada vez mais as instituições sociais em que a intervenção da autoridade é nula e que são formadas unicamente pelos respectivos técnicos e não por quaisquer delegados ou representantes que, alheios aos interesses profissionais, são incompetentes e incapazes, por ignorância, de desenvolverem os mais fáceis problemas da técnica profissional.

Procura-se, pois, substituir a organização das sociedades, fundada no regime das soberanias divinas e metafísicas, no regime parlamentar, — que na frase vulgar dos ignorantes, ainda não há nada que o substitua, — pela organização positiva da sociedade, dividida em agregados sociais, conforme as suas especialidades técnicas, resolvendo os seus problemas especiais sobre determinado assunto. É a competência, a ciência substituinte da incompetência, a ignorância impertinente e inconsciente.

Portanto, o Sindicalismo, longe de ser apenas um mero e transitório meio de se operar a associação, considerando-o somente um aspecto-função do princípio associativo, — quer para efectivar a fórmula «a união faz a força» quer para realizar um fim restrito, como qualquer sociedade de recreio, — o Sindicalismo, dizíamos nós, tem um alcance e um âmbito muitíssimo mais vasto: é também a organização social futura que a previsão sociológica indica.

O associativismo, o cooperativismo, o mutualismo, o solidarismo, são meros institutos sociais, com carácter de paliativos, para precariamente melhorar, de momento, as condições aflitivas da vida das classes pobres.

Não alteram, porém, a ordem geral das sociedades, não destroem, nem sequer corrigem os vícios essenciais das instituições burguesas. Não curam o mal; mantêm-no. (Continua)

CRISE DE TRABALHO

Uma representação do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria sobre o assunto

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa entregou ao presidente da República e ao ministro do Comércio uma representação sobre crise de trabalho de que, a título de informação, transcrevemos as suas conclusões:

«Na impossibilidade, pois, de se manter uma tal situação, toda essa multidão que hoje se vê a braços com uma crise esmagadora, e na previsão, clara e segura, de que, a não se dar remédio eficaz e imediato, será pavoroso o dia de amanhã, o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa solicita de v. ex.ª o seguinte:

1.º Que da verba de dois mil e quinhentos contos, destinada a acudir à crise de trabalho, seja dispensado um subsídio aos desempregados do Comércio e Indústria, concessão essa que será fiscalizada pelo Governo.

2.º Que se dê o máximo e imediato incremento a todas as iniciativas de trabalho já apresentadas, tais como: Casas Económicas, Bairros Sociais, Ponte sobre o Tejo, Parque Eduardo VII, Metropolitano, etc., promovendo-se assim a melhoria da situação económica das classes produtoras e consequentemente a sua repercussão sobre o movimento comercial.

3.º Que seja equiparada a remuneração do trabalho feminino no comércio à estipulada ao sexo masculino, a fim de que a preferência se baseie nas habilitações e qualidades de trabalho e não na exploração da mulher.

4.º Que sejam rigorosamente fiscalizadas e obrigadas todas as casas comerciais e industriais a ter a sua escrita perfeitamente organizada e em dia, e não apenas como se indica no Código Comercial, que é astuciosamente sofismado, evitando-se assim que o Estado seja ludibriado nas importâncias das transacções realizadas e bem assim na sua capacidade tributária; a satisfação deste ponto daria trabalho a grande número de profissionais de escritório.

5.º Proibição rigorosa da acumulação em lugares do Comércio e Indústria ao funcionalismo, evitando-se assim que muitos desses funcionários estejam ocupando lugares que não lhes devem competir.

6.º Proibição de serões ou horas extraordinárias, facilitando assim a colocação de novos empregados que são excluídos do tal processo de trabalho.

7.º Fiel cumprimento da Lei do Horário do Trabalho, fechando e abrindo os estabelecimentos às horas determinadas, abolindo-se o mascarado subterfugio de ser o próprio dono do estabelecimento, ou sua família, que se encontra a negociar depois da hora fixada para a abertura ou encerramento.

8.º Que se constitua um fundo especial destinado exclusivamente a subsidiar os desempregados no Comércio e Indústria, fundo que será constituído por uma percentagem sobre as receitas brutas das Sociedades Anónimas e do Patronato em geral, bem como dos próprios empregados no Comércio e Indústria, por intermédio das suas associações, que organizarão esse sistema de assistência.

9.º Regularização sobre o emprego de estrangeiros nas diferentes manifestações de trabalho no Comércio e Indústria, por forma a assegurar uma garantia de colocação aos empregados nacionais, em um mínimo de 75 % em relação dos empregados estrangeiros, por qualquer que seja a nacionalidade do estabelecimento.

10.º Obstar, no máximo possível, à admissão de empregados estrangeiros em estabelecimentos nacionais.

11.º Efectivação, devidamente actualizada, da Lei que criou as Bolsas de Trabalho em 1893, organização onde se podem englobar e defender, muitas das aspirações e necessidades das classes produtoras em Portugal».

NO REGIME CAPITALISTA

As trágicas origens e consequências do desemprego na Bulgária

Na Bulgária, a crise de trabalho tornou-se vasta e permanente. O governo evita recolher e fornecer dados estatísticos. Mas os números publicados pelos sindicatos revelam que o desemprego tem enormes proporções.

Em Março do ano corrente, o ministro do comércio, trabalho e indústria viu-se forçado a confessar no Parlamento que de 60.000 operários inscritos nas empresas industriais fiscalizadas pelo Estado, estão sem trabalho cerca de 24.000, ou seja uma proporção de 40 por cento.

Nas empresas industriais, o efectivo total dos operários assalariados é de 96.636, o de empregados comerciais, 33.218. As artes e ofícios empregam 59.217 operários e os campos cerca de 200.000, segundo os números afirmados pelo ministério do Comércio.

Verifica-se que, além dos 60.000 operários já referidos, existem 330.000 trabalhadores que sofrem uma crise não menor do que aquela de que sofre o país. Por outro lado, o governo realizou uma redução do funcionalismo: 10.000 pessoas foram despedidas durante os dois últimos anos.

A cifra apontada pelos sindicatos — 130 a 150.910 desempregados — corresponde à dura realidade. Se contarmos as famílias, notamos que o número de vítimas da crise de trabalho ultrapassa 400.000, o que dá 9 % da população da Bulgária — que, no censo de 1926, acusava 5.081.700 indivíduos.

A recrudescência do desemprego deve-se, na Bulgária como em toda a parte, à famosa «racionalização» da indústria. Por exemplo, nas minas de carvão de Pernik, foram o ano último despedidos 2.000 trabalhadores, em seguida a uma remodelação dos maquinismos.

O que também contribui para o alastramento do desemprego é a violação do regime de oito horas de trabalho após o golpe de Estado de 1923. Ao mesmo tempo, as indústrias sofrem uma crise aguda, fazendo encerrar numerosos estabelecimentos fabris e reduzir a laboração em outros. Tal é, por exemplo, a situação na indústria têxtil de Gabrovo e Silvon, couros e peles, tabacos, etc.

Junto a estas razões de ordem geral, há as razões especialmente balcánicas. Nos termos do tratado de Neln, em 1919, a população grega residente na Bulgária foi expulsa e a população búlgara da parte grega da Macedónia reenviada para aquele país, de tudo isto resultando que cerca de 200.000 refugiados macedónios se juntaram na Bulgária durante os quatro últimos anos. Estes refugiados, sem recursos, fizeram engrossar as legiões dos desempregados.

Ainda devemos acrescentar 20.000 refugiados arménios, vítimas da guerra greco-turca de 1920. E mais de 30.000 homens do exército de Wrangel, desbaratado pelos russos, foram acolher-se à Bulgária. Pouco a pouco, os industriais começaram a substituir os operários búlgaros avançados nos serviços públicos e em numerosos estabelecimentos particulares.

ROSOV

INFORMAÇÃO TELEGRÁFICA

A conferência económica internacional

Uma reunião que nada do prático determinou

GENEVA, 24.—A Conferência Económica Internacional encerrou os seus trabalhos, ontem à tarde, sem determinar a constituição permanente da mesma ou designar qualquer conferência futura no género.

Os diversos personagens mostram-se esperançosos nos resultados da conferência crendo que o seu objectivo fructificará através da opinião pública de todos os países.

Theunis, no seu discurso final, disse que os últimos anos tinham sofrido uma maior consequência dos males da grande guerra do que os immediatos à terminação do conflito mundial, e considerou a redução das tarifas aduaneiras o principal factor para a reconstrução económica dos povos.

A Conferência Económica Internacional aprovou uma moção favorável à limitação dos armamentos, única forma saliente de conseguir-se a paz económica mundial. — (L)

Outras notícias

Greve de marítimos

NEW CASTLE, 24.—O movimento marítimo na Nova Gales do Sul encontra-se paralisado em consequência da greve dos descarregadores de carvão que reclamam um aumento de 1 «shilling» por hora. — (L)

Os financeiros na Alemanha

BERLIN, 24.—Produziu-se na Bolsa uma nova baixa de 10 a 30 por cento ao anunciar-se que o Reichsbank ia restringir os créditos ainda mais. — (L)

EL QUINTO EVANGELIO

por HAN RYNER

A nossa Administração acaba de receber alguns exemplares desta obra, editada em espanhol, satisfazendo todos os pedidos acompanhados da respectiva importância. Preço: 8\$00. Pelo correio: 8\$80.

Secção telegráfica

Federações

TÉXTEL

Sindicato Têxtil de Gouveia — Vosso delegado ao Conselho Federal solicita-vos uma resposta urgente à carta que endereçou a J. R. Mota, por ignorar a vossa direcção.

H. Marques — Lisboa — Comissão administrativa da Federação solicita vossa endereço.

Metalúrgica

Covilhã — José Macedo — Responda ao nosso ofício de 28 de Abril.

Sindicato Metalúrgico da Marinha Grande — Idem ao ofício de 13 do corrente.

VIDA SINDICAL

Comissão Revisora de Contas

Reúne hoje, pelas 18 horas e meia.

Comunicações

Federação Têxtil — Reúniu no passado dia 19 do corrente o Conselho Federal deste organismo, com a representação de todos os sindicatos aderentes e comissões administrativas convidadas. Lida e apreciada uma circular da C. G. T., foi resolvido responder-lhe em conformidade.

Pelo delegado dos têxteis de Gouveia foi apresentado ao Conselho um protesto energético contra a nomeação dum intruso à 10.ª Conferência Internacional do Trabalho, a realizar em Genebra. O Conselho, depois de aprovar o protesto, encarregou a comissão administrativa de elaborar uma «nota oficial».

Federação do Ramo da Alimentação — Comissão Executiva — Reúniu esta comissão para apreciar duas circulares da C. G. T.

Sobre a circular-relatório do comité confederal, foi resolvido apreciá-la na próxima reunião, juntamente com os débitos dos sindicatos aderentes.

No que diz respeito à circular datada de 11 do corrente, resolveu-se responder-lhe em conformidade.

O secretário geral expõe os motivos por que não convocou a comissão executiva para apreciar a nota oficial publicada em *A Batalha* de 21 do corrente, protestando contra a nomeação do pseudo delegado operário a Genebra.

Depois de sobre o assunto incidir larga discussão, foi a mesma aprovada por unanimidade.

S. U. da Construção Civil — Secção Profissional dos Pedreiros — Reúniu a direcção, que tratou do expediente, tomou em consideração várias reclamações de alguns camaradas e readmitiu vários sócios, a quem foram enviadas circulares.

Convocações

PARA HOJE:

S. U. da Construção Civil — Secção Profissional dos Pintores — Reúne hoje em assembleia geral, pelas 21 horas, com o seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Apresentação do relatório de contas da gerência de 1926; 2.ª Ocupar-se do aniversário da reorganização da Associação dos Pintores; 3.ª Nomear a comissão revisora de contas e outros assuntos.

Sindicato União Metalúrgica — Secção do Poço do Bispo — Pelas 21 horas.

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. da Construção Civil — Comissão Escolar — Reúne amanhã, pelas 21 horas, esta comissão, para tratar de assuntos diversos.

A MISÉRIA AUMENTA

Os melhoramentos da Figueira da Foz e a crise de trabalho que avassala aquela cidade

FIGUEIRA DA FOZ, 23.—As belezas naturais da Figueira da Foz são muito e muito variadas e não há ninguém que venha a esta instância balnear, que não fique extasiado a admirar o conjunto de tanta beleza.

A sua praia de banhos, a primeira da península, as suas ruas muito bem alinhadas e arborizadas, o jardim municipal, a avenida marginal que vai desde a estação de caminho de ferro até à praia de banhos, são os maiores atractivos que os visitantes apreciam agradavelmente.

Mas não basta que a natureza seja tão pródiga em contemplar algumas regalias, como a da Figueira, já pelo seu clima, pela sua praia, pela Serra da Boa Viagem que a circunda, pelas margens do Mondego, norte e sul, e os seus lindos arredores; tudo isto é belo e extasiante.

Não basta, não. A natureza, é a mãe de tudo que existe na terra, mas ela também tem as suas imperfeições que a humanidade se vê obrigada, pela força das circunstâncias a corrigir.

Assim a Figueira, é muito linda e muito bela, mas falta o braço do homem para cortar as crescentes e corrigir as diferenças, aplainar, polir e envernizar.

Sim, falta o braço do homem forte que tomasse a iniciativa do desenvolvimento da Figueira, pois que os braços dos trabalhadores e dos artistas estão inertes, por há muito tempo não desenvolverem as suas aptidões, não por sua culpa, mas dos que retêm em seu poder a riqueza social.

Tem a Figueira muitas obras em projecto tais como as do porto e barra da Figueira a electrificação de linhas para o cabo Mondego, o funicular para a serra da Boa Viagem, sítio aprazível e de conforto, devido à sua altitude; construção ali, de hotéis, jogos de desportos, etc. mas, a crise de trabalho aumenta dia a dia, quando o acabamento da linda avenida marginal que vai desde a estação do caminho de ferro até à linda enseada de Buarcos, se eterniza.

Todos os projectos dormem nos arquivos das várias repartições à espera que alguém surja, que tome a peito essas obras, que representariam óptimos melhoramentos em benefício de tudo e de todos.

E aqui andam os trabalhadores e operários semanas e meses sem ganharem um vintém, para mitigarem a fome e das suas famílias, a definhar-se e a definir os entes que lhes são queridos.

Os burgueses não vêem isto, ou não, querem vê-lo. E a derrocada será fatal. — E

Reclamações ferroviárias

A comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste entregou ontem, na presidência da República, uma exposição sobre os ferroviários deportados, reclamando o seu regresso.

A mesma comissão, entregou também na comissão liquidatória dos Caminhos de Ferro do Estado, vários elementos sobre a situação dos ferroviários que a administração geral havia proposto a demissão.

ASSINEM Os mistérios do Povo

CRONICA DO ESTRANGEIRO

A compila da navegação aérea

A travessia do Atlântico

O triunfo de Lindbergh

PARIS, 24.—O presidente Doumergue acompanha hoje ao campo de aviação de Le Bourget, Lindbergh.

Lindbergh voará de Paris a Bruxelas no próximo sábado e de Bruxelas a Londres na segunda-feira. — (L)

NOVA YORK, 24.—Várias companhias cinematográficas têm oferecido avultadas quantias a Lindbergh para tomar parte em filmes e exhibir-se em alguns teatros mais os seus amigos são de opinião que continuará na sua carreira de aviador sem aceder a tais desejos.

NOVA YORK, 24.—O comandante Byrd tentará o voo Nova York-Paris, não obstante o êxito de Lindbergh. — (L)

O desastre de De Pinedo

LONDRES, 24.—Não há notícias da chegada de De Pinedo aos Açores, mas o paquete «Oldfield», do Lloyd inglês, comunicou ter visto, ontem, às 23 e 30, a 41,50 de latitude e 33,39 de longitude, um avião a reboque dum navio, parecendo-lhe que o aparelho ostentava a bandeira italiana.

Um navio avistou um avião que se presume ser o «Saint Marie 2», a cerca de dois terços do caminho de Terra Nova aos Açores. — (L)

ROMA, 24.—Até às primeiras horas da madrugada de hoje não havia em Roma notícias da chegada de De Pinedo aos Açores. Pela T. S. F. foi solicitado a todos os navios italianos navegando no percurso do «Saint Marie» que enviem notícias. — (L)

«Raid» Paris Toquio

PARIS, 24.—Os aviadores franceses Costa e Rignot partem hoje para o «raid» directo Paris-Toquio. Costa e Rignot são dois aviadores experientados, tendo conseguido num dos seus últimos voos bater o «record» de distância, 3345 milhas. O seu lugar foi primeiro ocupado por Carr e Gillman, no voo Londres ao golfo Persico,

3425 milhas e agora por Lindbergh, 3625 milhas. — (L)

Um dirível despedaçado

SANTO ANTONIO (TEXAS), 24.—Um dirível do exército, ao sair do hangar, para realizar manobras, despedaçou-se, tendo-se salvo o comandante e os seus cinco tripulantes. — (L)

Pequenas notícias

ANCONA, 24.—Um violento temporal fez naufragar grande número de barcos de pesca, sendo outros levados de encontro aos rochedos, onde se despedaçaram. Há muitos mortos e feridos. O hiate real em que o rei de Itália viajava quebrou as amarras, pelo que o soberano teve de seguir para Trieste pelo caminho de ferro. — (L)

FILADELFIA, 24.—Faleceu o grande milionário Henry Huntirig, colecionador de livros manuscritos e obras de arte. Na sua biblioteca existe um livro pelo qual deu 150.000 libras. — (L)

PARIS, 24.—Faleceu o general MacMahon, duque de Magenta. Contava 72 anos de idade e era filho do marechal MacMahon, o vencedor de Malakoff e segundo presidente da República Francesa. — (L)

VALPARAISO, 24.—O coronel Ibañez foi eleito presidente da República, por uma maioria de 96 % de votos a seu favor. O gabinete vai sofrer a recomposição ministerial. — (L)

PARIS, 24.—Sobre assuntos que se relacionam com o problema de Tânger, o embaixador da Espanha sr. Quiñones de Leon conferenciou ontem à noite largamente com o sr. Berthelot. — (L)

TRIESTE, 24.—O Rei inaugurou hoje o grande farol da vitória. — (L)

BERLIN, 24.—Muitos dos observatórios europeus e americanos confirmam o distante mas violento abalo sísmico registado pelo observatório de Jena (Alemanha), na noite de domingo último, supondo-se que o seu epicentro tenha sido no este da China.

O observatório de Faeme, próximo de Milão, ficou aviado em consequência do referido abalo. — (L)

BERLIN, 24.—Segundo notícias de Kowno (Lituânia), foi preso o general Kiezinski, acusado de espionagem ao serviço da Polónia. — (L)

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redacção administrativa de *A Batalha*.

EXERCÍCIO DE FARMÁCIA

Os Empregados de Farmácia do Norte

Reúniu extraordinariamente no dia 21 p. p. a direcção da Associação de Classe dos Empregados de Farmácia do Norte de Portugal, para tratar de vários assuntos pendentes.

Abordando a questão do exercício de farmácia, reconheceu mais uma vez que a Associação do Norte é a única colectividade profissional que está liberta de sugestões, quer de farmacêuticos, quer de ajudantes estabelecidos. Resolveu tornar público que não tem afinidade alguma com uma comissão de patrões que anda pelo Norte intitulando-se arbitrariamente representante dos interesses dos empregados.

Outrossim, resolveu aguardar as resoluções do ministro da Instrução, com referência à petição enviada em nome da assembleia geral da classe realizada no dia 2 do corrente.

Essa petição, preconizando uma posição subalterna, com direitos definidos, relativamente ao farmacêutico do curso actual, funda-se na observação do factor económico-social (ordenados, horário de trabalho, etc.) que prepondera em todo o país e que impede os empregados de atingir a finalidade dos que, batizados pela fortuna, aspiram às profissões actualmente consideradas liberais.

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00—Anual 2\$00. Pedidos à administração de *A Batalha*.